

## 15 anos

A partir do momento em que aprendi a *deslizar* antes de *andar*, o meu destino estava traçado.

– Não importa o quanto te esforces, *criança*. — Ela segurou no meu queixo com a ponta dos dedos. — Neste mundo, haverá sempre alguém melhor do que tu.

Por dois motivos, a frase da minha treinadora ficou para sempre marcada na minha cabeça.

Foi ela que me ensinou o que é ser-se *criança*, e, em particular, ter-se quinze anos – uma idade em que se é novo demais para tomar as nossas próprias decisões e em que, ao mesmo tempo, todos esperam que sejamos maduros o suficiente para arcar com as consequências de algo que nunca teríamos escolhido para nós mesmos.

Foi também graças a ela que conheci a *inevitabilidade* do fracasso; uma sombra desesperante que ofusca todas as minhas vitórias. Mesmo depois de lhe entregar a minha alma, e todas as medalhas pelas quais a vendi, continua a não ser suficiente.

O meu corpo viciou-se na adrenalina que só vivo quando flutuo no gelo e o mundo deixa de existir – eventualmente, dissiparam-se os escrúpulos, a moral, e a ética. Tudo o que se atravessasse entre mim e a meta estava destinado a cair no esquecimento.

– Tens pés mágicos, Kamila.

Os meus treinadores prometeram-me o universo. Diziam que eu nascera para patinar, e que seria a estrela mais brilhante do ringue, num mundo de planetas em colapso. As suas previsões concretizaram-se – pelo menos, até um certo ponto. Com *apenas* quinze anos, quando meninas da minha idade sequer se atreviam a sonhar, eu já competia nos jogos olímpicos.

*Doping* é contra as regras. *Doping* faz mal ao corpo, e mata o que é suposto ser o desporto. Mas é uma vitória garantida, e a injustiça parece um preço pequeno a pagar pelo sucesso quando se nasceu para ser uma estrela.

Quando o desporto deixa de ser uma paixão, e se transforma num dever, abrem-se portas que deveriam permanecer fechadas. A pressão torna-se insuportável, e cometem-se erros irreversíveis. De repente, as minhas vitórias já não eram minhas. De um momento para o outro, patinar no gelo já não era o meu refúgio – mas sim a minha jaula.

*26 de abril*. Sopra as velas e peço que, este ano, seja diferente. É a única coisa que desejo; que, no momento em que o fogo se extingui, me transforme em qualquer outra pessoa. Que a ética regresse à minha vida, e, com ela, a paixão: o orgulho de conquistar algo que me pertence apenas a mim, e a mais ninguém.

Só quero voltar a ser livre como fui apenas quando era *verdadeiramente criança*, isenta de responsabilidade, e o gelo se transformava em asas de cristal que me elevavam no ar.

O meu nome é Kamila Ivanova. E eu tinha *apenas 15 anos*.